



Coletivo Edmundo Fernande

Por uma **S** **EDUFSM** Classista,
Autônoma, Democrática e de Luta

Carta aberta à comunidade docente da UFSM

Porque não concorremos à gestão da SEDUFSM – Biênio 2020-2022

CADA VEZ MAIS POR UMA SEDUFSM CLASSISTA, AUTÔNOMA, DEMOCRÁTICA E DE LUTA.

O coletivo Edmundo Fernandes é formado por filiados da SEDUFSM, diretores, ex-diretores e militantes de base que lutam há muitos anos para construir e manter um sindicato forte, combativo e autônomo frente a partidos e reitorias. Um sindicato que, sem se descuidar da conjuntura mais ampla, que envolve ataques sofridos pelo conjunto da classe trabalhadora no Brasil ou no mundo, seja também capaz de compreender os problemas cotidianos enfrentados pelos professores em sua atividade laboral. Um sindicato com disposição para lutar contra qualquer governo ou reitoria para garantir as conquistas e os direitos dos trabalhadores da educação. Por isso o princípio da autonomia sindical se torna cada vez mais essencial em nossas concepções. Não somente porque foi uma conquista a partir da Convenção 87/48 da Organização Internacional do Trabalho e que, no Brasil, ganhou força e reconhecimento jurídico a partir da Constituição Federal de 88, mas porque aprendemos e continuaremos a aprender, que a defesa desse princípio nos protege, não apenas contra governos conservadores entreguistas, mas também contra governos e coletivos de uma esquerda progressista domesticada pelo capitalismo, que se entranham nas estruturas sindicais dos trabalhadores para produzirem um verdadeiro embaralhamento ideológico.

Construímo-nos junto à SEDUFSM e ao seu objetivo de defesa da classe e independência política, traçado em seus 30 anos de existência. Não é nossa intenção

aqui, contar a história de nosso sindicato e nem de nossas trajetórias. Mas salientamos que a história do movimento docente é marcada por importantes lutas e conquistas. Uma história que se confunde com o movimento de defesa: defesa de direitos que conquistamos e que ainda não conquistamos; defesa da qualidade do serviço público e com ela, a defesa da dignidade dos trabalhadores públicos e também de quem usufrui desse serviço. O mais preocupante de toda essa história, é saber que estamos sempre nos defendendo das políticas daqueles que, hipoteticamente, deveriam estar nos protegendo: os governantes. A história do ANDES-SN e consequentemente da SEDUFSM, se confundem com a luta contra os governos de direita e de esquerda que, através de suas políticas, servem ao capital, precarizando cada vez mais a vida e a condição de trabalho dos trabalhadores e trabalhadoras deste país. O enfraquecimento da crítica radical da esquerda em defesa da dignidade do trabalho é hoje uma das principais fragilidades da luta contra o avanço do conservadorismo, do autoritarismo, do racismo, da intolerância e do protofascismo. A flexibilidade das alianças pragmáticas em busca de uma conciliação “progressista” é parteira da traição e escancara as portas dos trabalhadores para um saqueio da elite que, historicamente, reequilibra seus momentos de crise extorquindo daqueles que menos tem.

Nos últimos dois anos, período em que esse coletivo se fortaleceu, acompanhamos a luta da SEDUFSM, através do protagonismo de sua diretoria, que entre mobilizações, debates, atividades culturais, contato estreito com a base em seus locais de trabalho, manifestações de rua, greves gerais, solidariedade de classe, ações junto às Frentes Únicas de trabalhadores e comandos de mobilizações, etc, revigorou a SEDUFSM como uma das principais articuladoras das ações de lutas realizadas na cidade de Santa Maria e na UFSM.

Nesse processo, quando nos preparávamos para discutir os rumos de nosso movimento, nos deparamos com a pandemia do novo coronavírus e com ela, a suspensão das atividades acadêmicas e administrativas presenciais na UFSM. Com isso, a SEDUFSM também entra no sistema de trabalho remoto como medida imprescindível para evitar o avanço da crise sanitária e perdas de vidas.

Como uma das inúmeras consequências que sofremos com essa pandemia, as eleições para a diretoria da entidade, que deveriam ser realizadas em maio de 2020, também foram suspensas. E se não houve condições de realizar eleições presenciais em maio, tampouco foi possível nos meses posteriores, em que o Brasil chega a mais de cento e sessenta mil mortes. A pauta da realidade concreta se impôs, pois tínhamos a

plena certeza de que os períodos de dor e sofrimento que viriam pela frente, serviriam como cortinas de fumaça para que Bolsonaro e a elite covarde que o apoia, passassem, com menos resistência, todas as medidas desastrosas que temos acompanhado desde março deste ano, seja no plano político, da saúde, da educação ou do meio ambiente.

Neste cenário, os ataques avançam e o governo de plantão aproveita para “passar a boiada”. Emendas constitucionais e decretos passam a direcionar o Brasil e dessa forma, mais retiradas de direitos e precarização das condições de trabalho, resultando em mais desempregos, fome e desigualdades sociais. Era a hora, de mais uma vez, o nosso sindicato se focar na Luta e se organizar em torno de pautas que sejam capazes de unificar a classe trabalhadora na luta política contra o governo. Para tanto, era necessário, um movimento em que a base e as direções não vissem a prorrogação de mandato de diretorias, democraticamente eleitas, como prejuízo ao sindicato, mas sim, como uma necessidade transitória para o fortalecimento da classe. Mas, ao contrário, o que vimos foi a pressão de um movimento eleitoreiro, e em especial na SEDUFSM. Uma oposição desleal, incapaz de apresentar propostas eficazes de enfrentamento aos ataques, mas que se demonstra ativa ao forçar um pleito eleitoral, inclusive com a proposta de eleições presenciais, que colocariam em risco grande parte de nossos filiados que são aposentados e do grupo de risco, como também, os demais envolvidos na organização de um processo eleitoral presencial.

Entendemos que em uma epidemia, mais ainda em uma Pandemia, nossas escolhas não devem e não podem ser individuais ou corporativas, pois estamos tratando de algo que coloca em risco tudo aquilo que construímos como humanidade. Esse negacionismo é gravíssimo vindo de uma categoria que trata cotidianamente com o conhecimento científico e que deve e tem de dar respostas coerentes à sociedade.

O movimento eleitoreiro avança e com ele, a proposta da virtualidade da política se materializa através das eleições “telepresenciais”, minimizando o amplo debate nas bases e a oportunidade de proporcionar um momento político fundamental e estruturante de nosso sindicato, pautado em propostas para o rumo deste. Através deste método, ferindo inclusive o estatuto do ANDES-SN (que não permite eleições virtuais), foi encaminhado, tanto no ANDES-SN como na SEDUFSM, um processo eleitoral aligeirado, com possibilidades de pouca participação e de alto custo financeiro. Este coletivo já havia alertado em uma nota anterior que este processo estava sendo proposto *“como se o processo eleitoral fosse apenas uma técnica de deposição do voto na urna, e como se o conjunto dos mais de 70.000 professores universitários deste país tivessem a condição e a estrutura de debater os rumos do sindicato em paralelo ao brutal*

enfrentamento que já estão realizando às investidas liberais e privatistas em plena pandemia”. Ou seja, “a disputa política interna se sobrepôs à necessidade da organização da luta cotidiana, de enfrentamento dos problemas no local de trabalho, onde se move a classe trabalhadora” (ver nota anterior do Coletivo Edmundo Fernandes, intitulado “O distanciamento e a democracia no sindicato”).

Esse coletivo sempre reconheceu os momentos dos processos democráticos de nosso movimento mas, seguramente, o que estamos testemunhando neste momento, não se enquadra nesta categoria. A democracia interna dessa entidade foi desrespeitada, ao se atribuir a um CONAD remoto a tarefa de alterar aquilo que legitimamente havia sido discutido e aprovado no último Congresso presencial da categoria. Isso não representa apenas um atentado à democracia, mas uma dura investida contra a história do próprio sindicato.

Juntamente com a atual diretoria da SEDUFSM, sofremos críticas ao propor o caminho das eleições presenciais pós-pandemia. Aquela, inclusive, foi acusada de “oportunista” e de querer se perpetuar no poder. Com isso, não estamos querendo isentar as direções de críticas. Entendemos que as disputas e as contradições acompanham a história do nosso sindicato e isso é entendido, por nós, como necessário ao avanço do movimento sindical. Mas entendemos que um sindicato deve priorizar a classe acima de qualquer outra orientação política e que deva expressar essa magnitude em todos os seus espaços, inclusive, nos espaços de críticas e oposições.

Fazer parte do pleito eleitoral para a direção da SEDUFSM, biênio 2020-2022, nas condições apresentadas, nos constrange imensamente. Esse coletivo, que em seu processo de formação pré-pandemia já estava se construindo enquanto chapa, se recusa a se expor e expor a base da SEDUFSM a um processo pragmático de eleição, expresso na virtualidade. Estar representando uma base na condução de um sindicato como a SEDUFSM, exige um processo de grandeza política, uma campanha com amplo debate com a base dos professores e professoras, confrontando as diferentes propostas de gestão, um processo democraticamente construído na concretude das relações pessoais e das pautas cotidianas de nossa categoria.

Não nos sentimos confortáveis em renunciar a este simulacro de eleições, especialmente por saber que a SEDUFSM poderá ser conduzida nos próximos dois anos por um projeto político ancorado nas próximas eleições presidenciais e afastado das lutas concretas dos trabalhadores brasileiros. Mas entendemos que os nossos princípios

e a dignidade da nossa história de luta estão muito acima do nosso conforto. Deixaremos registrado na história da SEDUFMS, que queremos um sindicato que não se curve aos instrumentos pós-modernos de apaziguamento social. Instrumentos estes que para dar conta da organização do mundo do trabalho e as suas novas formas de exploração da classe trabalhadora, disputam os sindicatos para que eles sejam “braços” de governo e de patrões. Ricardo Antunes, quando escreveu a primeira edição do Livro, *“Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho”*, lá em 1995, já nos chamava a atenção para os crescentes desafios dos sindicatos que, cada vez mais, estariam frente ou às opções de sua burocratização através do acompanhamento dos novos métodos capitalistas de cooptação ou à opção de resistência à estes e, conseqüentemente, continuar firmando ações anticapitalistas.

Salientamos, que estamos abrindo mão de disputar a gestão da SEDUFMS nesse momento, mas seremos SEDUFMS mais do que nunca, e estaremos em alerta crítico aos rumos de sua história e juntamente à nossa Central Sindical, CSP-Conlutas, estaremos lutando contra o entreguismo e à acomodação sindical.

Coletivo Edmundo Fernandes: **POR UMA SEDUFMS CLASSISTA, AUTÔNOMA, DEMOCRÁTICA E DE LUTA**

Santa Maria, 03 de novembro de 2020.